



## APONTAMENTOS A RESPEITO DA CORREÇÃO DE PROVAS DE MATEMÁTICA

Emily Caroline Felix Cordeiro  
Universidade Estadual de Londrina - UEL  
[emily.karolyne@hotmail.com](mailto:emily.karolyne@hotmail.com)

Cristiano Forster  
Universidade Estadual de Londrina - UEL  
[forster003@gmail.com](mailto:forster003@gmail.com)

**Resumo:** O minicurso visa promover reflexões e um (re) pensar a respeito da correção de uma prova escrita e dos critérios que devem ser adotados para tornar a avaliação a menos injusta possível. A intenção é que o minicurso seja aberto a diferentes níveis de ensino. Pretendemos usar uma abordagem bem dinâmica, para que possibilite aos próprios professores lidar com dificuldades e possibilidades presentes no momento de correção de uma prova escrita. Buscamos obter resultados e conclusões juntamente com os participantes do minicurso, com o intuito de que apareçam as possíveis considerações: nenhuma prova é cem por cento justa, mas devemos sempre torná-la menos injusta possível, devemos sempre estar nos readaptando as necessidades que enfrentamos, ou seja, estar em constante mudança e que a correção deve ter critérios pré-estabelecidos para ser melhor desenvolvida.  
**Palavras-chave:** Educação Matemática. Avaliação da Aprendizagem. Correção de Provas. Critérios de Correção.

### AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Quando se trata da aprendizagem escolar, a avaliação desempenha um papel de suma importância, pois além de auxiliar os professores no processo de ensino, ela também deve auxiliar os alunos em seus processos de aprendizagem.

Essa ideia é fortemente destacada por De Lange (1999) quando, ao elencar os princípios que norteiam a avaliação da aprendizagem escolar, indica que o primeiro e principal propósito da avaliação é auxiliar o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Para De Lange (1999, tradução nossa), são nove os princípios para a avaliação:

1. O primeiro, e principal, propósito da avaliação é auxiliar o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.
2. Métodos de avaliação devem possibilitar aos estudantes mostrarem o que sabem, não o que não sabem.
3. Avaliação deve operacionalizar todos os objetivos da Educação Matemática.

4. A qualidade da avaliação em matemática não é dada primariamente pela acessibilidade à pontuação.
5. A Matemática está impregnada de situações realísticas que são parte do mundo dos estudantes.
6. Critérios de avaliação devem ser públicos e consistentemente aplicados.
7. O processo de avaliação, incluindo pontuação, deve ser do conhecimento dos estudantes.
8. Estudantes devem ter a oportunidade de receber *feedback* genuíno de seus trabalhos.
9. Um planejamento de avaliação balanceado deve incluir múltiplas e variadas oportunidades (formatos) para os estudantes mostrarem e documentarem suas realizações.

A RME<sup>1</sup>, abordagem para o ensino de matemática desenvolvida por Hans Freudenthal, adota a avaliação didática, que pretende ser um apoio aos processos de ensino e de aprendizagem, o que a torna parte da prática educacional. Nesse tipo de avaliação, todos os seus aspectos possuem a natureza didática, isto é, o propósito, os conteúdos, os métodos aplicados e os instrumentos utilizados são todos de características didáticas (VAN DEN HEUVEL-PANHUIZEN, 1996). Para autores da RME, o objetivo da avaliação em sala de aula é produzir informações que contribuam para os processos de ensino e de aprendizagem e, assim, auxiliar na tomada de decisão educacional (DE LANGE, 1999, p. 3, tradução nossa).

Assim, sendo a avaliação parte ímpar nos processos de ensino e aprendizagem, a correção de provas escolares ganha também importância, pois, em muitos casos, é a partir dessas correções que decisões educacionais são tomadas e na maioria deles sem muita reflexão da forma como foi feita essa correção.

É preciso que se busque uma avaliação que seja minimamente justa, que atue em favor da aprendizagem dos alunos e para isso a correção das provas escolares, e de todas as outras atividades que os alunos desenvolvem, precisa ser feita de modo coerente e com critérios bem pré-estabelecidos.

O que se busca não é fazer um juízo de valor sobre o trabalho dos professores, ou seja, não se tem por intuito dizer se isso ou aquilo é certo ou não. Pelo contrário, o que se quer é auxiliar nas reflexões a respeito da importância que o momento de correção de uma prova escrita de matemática pode ter no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

---

<sup>1</sup> RME – *Realistic Mathematics Education*

Ao elaborar uma prova, o professor, deve ter claramente os objetivos que busca com a aplicação daquele instrumento avaliativo, entre esses, os modos de resolução que se espera a partir das questões contidas no instrumento escolhido, os critérios de correção, entre outros. Como, infelizmente, costuma-se classificar os alunos com base em suas notas escolares e já que essa cultura ainda permanece presente em nossas práticas avaliativas, o que se quer então é que isso se torne o menos injusto possível. Entende-se assim que, os critérios de correção podem auxiliar para uma padronização na hora da correção e quantificação das provas escritas de cada aluno.

Os critérios de correção de uma prova devem ser especificados juntamente a sua elaboração, para favorecer uma correção e pontuação tão justa quanto possível. Estes critérios podem servir como uma “grelha” para iluminar e auxiliar o professor na hora da correção, mas é preciso tomar um certo cuidado com essa comparação que é feita entre as produções do aluno e o que é colocado como expectativa na grelha. A comparação que pode existir em uma sala de aula é sempre de um aluno consigo mesmo, nunca a comparação de um aluno com um aluno imaginário, que na maioria dos casos, só existe na mente do professor.

Em alguns casos, por exemplo, a escolha do professor de corrigir uma prova inteira ou apenas uma questão de todas as provas pode influenciar na nota do aluno. Um professor, ao corrigir uma prova e se deparar com algo novo, que não foi considerado nas provas já corrigidas, deve voltar nas provas corrigidas anteriormente a esta e revisar toda a correção até então realizada e se preciso for, a partir do estabelecimento de novos critérios de correção, modificar a sua maneira de corrigir as provas.

Outro elemento a destacar é que no momento da correção o professor deve tomar muito cuidado, para não desconsiderar uma questão por inteira por causa de um pequeno equívoco feito pelo aluno. Isso, infelizmente ainda também é uma prática rotineira em escolas e espera-se que a correção conduzida por critérios bem pré-estabelecidos possa superar.

## **O MINICURSO**

O minicurso que desejamos apresentar justifica-se pela importância de utilizar um instrumento avaliativo em prol da aprendizagem e sendo a correção uma etapa fundamental nesse processo, daremos uma atenção especial a ela. Visando promover uma reflexão e um (re)pensar nas práticas dos professores pretendemos trabalhar como uma prova escrita de matemática com conteúdo do Ensino Médio.

O objetivo é mostrar que nenhuma avaliação é justa e que é papel crucial do professor torná-la a menos injusta possível, visando aproveitar de um instrumento avaliativo, no caso a prova escrita, como oportunidade de aprendizagem e fonte de investigação, favorecendo assim o processo de ensino e de aprendizagem em uma avaliação contínua.

Desejamos iniciar o minicurso apresentando a todos os participantes uma prova já resolvida de mesma maneira, solicitando que eles corrijam as provas e apresentem uma nota.

Essa primeira etapa será feita individualmente, depois que todos tenham terminado, pretendemos então mostrar que mesmo os participantes corrigindo uma mesma prova há divergências de notas. Pretendemos com isso, instigar os participantes a levantarem hipóteses do porquê que isso acontece.

Passada essa etapa inicial, levantaremos a questão da importância de ter critérios de correção bem definidos ao iniciar o processo corretivo de uma tarefa. Com o objetivo de fomentar a discussão, inicialmente, deixaremos os participantes em pequenos grupos e depois passaremos para o grupo geral, discutindo os apontamentos e os critérios de correção que foram levantados nos pequenos grupos.

Depois de elencarmos os critérios de correção iremos quantificar esses critérios, utilizando como exemplo a seguinte situação:

Na correção exige-se uma atenção especial, para tentar ser o menos injusto possível. Os critérios de correção de uma prova devem ser especificados juntamente a sua elaboração, para favorecer uma correção e pontuação tão justa quanto possível. Estes critérios podem servir como uma “grelha” para iluminar e auxiliar o professor na hora da correção. Um exemplo de critério de correção podem ser o seguinte:

1. 50% da nota para estratégia – Interpretação e escolha correta da estratégia a ser utilizada para resolver o exercício, mostrando que entende o conceito ou princípio matemático envolvido na questão.
2. 35% da nota para procedimento – Desenvolvimento correto da estratégia escolhida.
3. 15% da nota para resposta final – Resposta correta do procedimento escolhido para desenvolvimento do exercício, independente se o resultado é o correto, mas deve ser coerente com o procedimento.

Neste momento, podemos discutir um pouco sobre estratégia, procedimento e resposta final, pois são itens que nem sempre são claros para os professores. Visto que as notas serão dadas parcialmente, dependendo destes critérios, é muito importante sua distinção.

Após quantificarmos os critérios que eles escolheram para a correção deles (participantes do minicurso) pediremos que eles corrijam novamente a prova escrita proposta e analisaremos as novas correções esperando que agora elas sejam mais equilibradas e menos injustas, pois partiram de um mesmo critério de correção.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Com o minicurso buscamos propiciar um momento de reflexão aos participantes, pois nenhum instrumento avaliativo é cem por cento justo e livre de falhas, mas podemos sempre tentar torná-lo o menos injusto possível.

No meio educacional deve-se procurar estar sempre em constante mudança, fazendo readaptações conforme necessário, buscando novos instrumentos e novas práticas de ensino e de aprendizagem de modo a melhor atender os objetivos avaliativos. E, mesmo quando se mantém um mesmo instrumento, deve-se buscar aprimorá-lo sempre, para evitar cair nas armadilhas das mesmices que somos constantemente tentados, como por exemplo, sempre usar um mesmo instrumento avaliativo. Na maioria das vezes, encontram-se desculpas para tornar o que é errado uma simples consequência do inevitável, o que nos leva a aprimorar a mesmice, o egoísmo individual e coletivo. Temos urgência de outro perfil de matemático e educador matemático para poder assim alcançar um novo perfil de aluno e conseqüentemente um novo perfil de cidadão.

Repensar a prática didática não deve ser encarado como algo ruim, mas sim como uma mudança positiva que afetará o processo educacional e é o que pretendesse passar com as análises e reflexões presentes nesse minicurso.

Pode-se ter elaborado uma prova que não tenha ficado tão boa, uma correção que não tenha saído exatamente como planejado e isso pode causar certo incomodo, uma perturbação, mas pode-se fugir disso e fingir que nada aconteceu, ou aprender com isso e colocar-se sempre em constante mudanças, almejando sempre uma educação mais apropriada e coerente com momento observado.

### **REFERÊNCIAS**

DE LANGE, J. **Framework for classroom assessment in mathematics**. Madison: WCER, p.72. 1999.

FREUDENTHAL, H. **Matemática nova ou educação nova? Perspectivas**, Portugal, v. 9, n.3, p. 317-328, 1979.

VAN DEN HEUVEL-PANHUIZEN, Marja. **Assessment and Realistic Mathematics Education**. Utrecht: CD-β Press/Freudenthal Institute, Utrecht University. 1996.